

Fábulas de escola: e se a meninada toda fizesse algazarra, restaria algo do controle?

Fables of school: what if the kids made a racket, would there be any control left?

Steferson Zanoni Roseiro
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/
Prefeitura Municipal de Cariacica
Viana-ES-Brasil

Resumo

Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa com turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de periferia em Cariacica/ES. Visto que a pesquisa teve por objetivo produzir fábulas sobre as insurreições estudantis que extrapolam os limites do controle dentro das escolas, viu-se a necessidade de usar a própria fabulação deleuzo-bergsoniana como um método interventivo. Assim, considerando o contexto de enfraquecimento da educação pública e os ataques às ciências humanas, o artigo apresenta fábulas insurrecionais produzidas nesses encontros que, a todo o momento, fazem multiplicar os possíveis modos de existência do corpo no interior de uma escola. Aponta, por fim, para a possibilidade de fazer da fabulação um modo de afirmar a vida na escola. A fabulação acontece no real e vai muito além da lógica de controle.

Palavras-chave: Fabulação; Insurreição; Escola Pública.

Abstract

Methodologically, a research was accomplished with classes of 6th and 7th grades of a public Elementary School on the outskirts of Cariacica/ES. Since the research aimed to produce fables of the student insurrections that go beyond the limits of control inside schools, it was necessary to use the deleuzo-bergsonian fabling itself as an interventionist method. Thus, considering the context of weakening of the public education and the attacks on human sciences, the article presents insurrectionary fables crafted in these encounters that, at all times, multiply the possible ways of the body's existence inside a school. It points, therefore, to the possibility of making fabling a way to affirm the life in school. Fabling takes place in reality and goes far beyond the logic of control.

Keywords: Fabling; Insurrection; Public School.

Escola de gente feia

Há essa escola, bem no meio de um morro. Lá, semana sim, semana também, uma professora sai às pressas daquele lugar e promete nunca mais voltar. Raros são os corpos duradouros daquele lugar. E, como insistia em dizer a coordenadora da escola, aquela era uma escola única, uma coisa peculiar.

– Querida, o que você esperava? Aqui só tem peste, seja professor ou aluno. Para todo lado que olha, só vai encontrar gente feia – falava a coordenadora quando alguma nova professora ia correndo chorar com ela – Querendo ou não, isso daqui é uma escola de gente feia!

E, assim, ela via seus colegas sumirem. Deixavam as escolas tão logo percebiam o risco de passarem a fazer parte daquela baderna. Raros eram os corpos demasiado vivazes que se fartavam das feiuras daquele lugar. Diga-se de passagem, quando tais corpos apareciam, a escola já sabia que, ali, haveria vida.

Essa sempre foi a força motriz da coordenadora daquela escola. De uma única coisa tinha certeza: quem ali se acalentava, pouca vida não tinha! Brava e afetuosa em um só tempo, Ismeli viu chegar à escola um professor que – bem, dizendo de modo simples – combinava com a escola. Isso mesmo, um professor feio. Ismeli, assim que bateu os olhos nele, desconfiou de algo no pulo. Ela passou dias sem entender por que andava tão desconfiada com um professor que, no mínimo, parecia ser decente; passou dias olhando para ele com cara desconfiada até que, num certo dia, – pelo menos um mês depois – entendeu sua preocupação quando saía da escola numa sexta-feira e topou com o professor conversando com ninguém mais, ninguém menos que Aristeves, o pior aluno da escola.

“Essa história vai dar em merda”, foi tudo o que Ismeli pensou.

Desejar a escola

Em 2018, convidado a palestrar sobre *corpos em curto-circuito*, Davis Moreira Alvim (ALVIM, 2018) começou a interpelar os corpos ali presentes sobre as imagens de escola que produzíamos continuamente. Segundo ele, as filosofias da educação pecaram ao longo dos anos por não se darem conta dos movimentos de enfrentamento que alunas e alunos fazem diariamente nas escolas. Conforme destacou, há escritos que fazem suas apostas em todos os mais variados pontos (métodos, lutas, professores, alunos etc.), e, todavia, deixam a desejar simplesmente por ignorarem, quase por completo, a participação real dos estudantes na vida escolar. Os alunos são unicamente pensados enquanto parte do

processo educacional. Mesmo nos casos em que os alunos são a parte principal de tal processo, eles são colocados em suspensão por representarem algo que virá a ser em um futuro próximo. Seria, então, necessário fazer um mapa das movimentações ativas e criadouras dos movimentos de resistência estudantis.

Tal premissa parece se intensificar ainda mais em nosso presente.

Em um momento em que o Ministério da Educação parece ver na educação pública um alvo para seus ataques discriminatórios ou de enfraquecimento das práticas educacionais, como as ofensas ocorridas durante a pandemia de Covid-19, é preciso que apontemos para a força vital que percorre os corredores dessas escolas. Essa seria, no caso, a premissa de uma filosofia da educação efetivamente traçada no plano real da vida escolar.

Naquele mesmo ano, não por um acaso, colocávamo-nos em uma escola pública de periferia no município de Cariacica/ES. Aquela provocação altamente deleuziana foi-nos também uma força motriz para produzir, ao longo do segundo semestre, uma pesquisa que buscasse fugir dos *dados* e das *respostas* para afirmar a vida das escolas. Em plena consonância com a provocação levantada por Alvim (2018), sentamo-nos com alunas e alunos de turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental e propusemos *criar fábulas de escola que questionassem as tentativas de controle lançadas sobre os corpos*. Perguntávamos, em suma, como os corpos contavam/criavam cenas de insurreições que, a um só tempo, fossem corriqueiras e rompessem as regulamentações infinitas lançadas sobre corpos transeuntes da vida escolar. Como aposta, propúnhamos a fabulação como um *método* e um *produto* por acreditarmos, a partir da leitura deleuzo-guattariana, ser necessário pensarmos na criação coletiva da vida. Assim, tomando como premissa a fabulação (BERGSON, 2005; DELEUZE, 2013) não apenas como a faculdade de criar histórias, mas também de estabelecer, ao mesmo tempo, suas possibilidades de efetivação e de aumentar a força de vida, colocamo-nos em produções dessas fábulas que são aqui apresentadas como insurreições do corpo na escola.

Desejando a escola enquanto lugar de criação e de insurreição contra as tentativas de controle da vida, começamos, pois, a fabular a tal escola de gente feia.

Medo fotográfico

Durante os primeiros dias do professor novo, ele se mostrou uma pessoa bem quieta. É verdade, como Ismeli tinha reparado, que ele certamente *pertencia* àquela escola.

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

Baixinho, ele era menor que muitos dos alunos que passavam por ele pelos corredores. E, ao mesmo tempo, chamava atenção extravagante com tudo: com seu andar, com seu modo de falar, com suas roupas, seu cabelo... Onde quer que fosse, o professor-baixinho dava um jeito – apesar de não se esforçar – para acabar recebendo muitas olhadelas nada disfarçadas.

– Professor, você é novo aqui, né? – perguntou uma aluna certa vez, toda maquiada, arrumada. Na verdade, ela estava tão maquiada, que a pele inteira parecia rosa – Você é viado, né? Nem precisa responder, todo mundo já sabe. Mas você gosta de que, “fessor”? De novinhos? Tem um menino na minha sala que tá doido para dar uns pegadas em você, se tiver interessado... Ele é aquele alto lá de cabelo azul, tá vendo? Acho que vocês iam se dar superbém...

Assim ele foi recebido no terceiro dia. E, como em todo pequeno drama, o professor foi parar na sala da menina-rosa – e do menino-de-cabelo-azul – logo depois do recreio. Duas aulas seguidas.

– Minha primeira aula aqui com vocês, né? – ele perguntou, já sabendo a resposta. Ele tinha boa memória – Meu nome é Anael, podem fazer as piadinhas que quiserem e, depois de perguntarem algumas vezes, por favor, podem guardar o material que vamos passar o dia de hoje lendo o primeiro livro de *Harry Potter*...

E, de algum modo, as primeiras aulas foram exatamente como ele planejou.

Anael era um professor novo, recém-formado, desses que saem da academia cheio de ideias e, conseqüentemente, sofrem mais perto de outros professores que falam “Isso não dá certo!” do que com a efetiva não realização de seus trabalhos. Ele já tinha ouvido falar das infinitas vezes que as aulas *não* aconteciam como ele planejava e, ansioso que só, já preparava três aulas possíveis para cada aula. Mas, naqueles primeiros quatro dias, ele não teve nenhum trabalho extra. Tomou leitura de cada aluno para saber como eram as capacidades deles nesse quesito e levou um susto ao descobrir que, em todas as salas, pelo menos dois alunos não sabiam nem fingir ler. “Dois no 6.º A, quatro no 6.º B, três no 6.º C...”, e, depois de fazer uma conta rápida checando nos seus cadernos os nomes, chegou a um montante: “*Putá merda! Dezesete alunos em seis turmas! Será que é obrigação minha ensinar a eles? Será que eu falo com alguém? Merda, o que eu faço?*”.

O fluxo de pensamentos e “problemas” do Anael seguia nessa direção com certa tranquilidade. Ele se desesperava em uma sala e, por fim, achava que resolvia tudo logo que

saía de lá. Ao final do quinto dia, foi para casa e passou um final de semana de rei! Comemorando o primeiro emprego dentro da sua área de formação, Anael garantiu aos amigos e familiares mais próximos uma pequena festinha no final do mês ou quando saísse o pagamento.

Segunda-feira chegou, e Anael, começando seu quinto dia de aula, precisou de apenas um minuto para pensar, seriamente, em desistir daquela escola.

– Pô, baixinho, você é o professor Cu, né? Irado seu nome!

Anael gastou dez segundos para se dar conta de que era com ele que o aluno falara. Alto, magricelo, com mais pelos faciais do que ele conseguiria ter mesmo se ficasse um ano sem se barbear. Anael não conhecia aquele aluno, tinha certeza.

– Anael – respondeu tentando ser simpático e se perguntando se, em algum momento, tinha sido chato o suficiente para já lhe darem o apelido de professor cuzão.

– CARAAAAAIO! – gritou o aluno dando um abraço no professor e dando um cascudo na cabeça dele – É MESMO PROFESSOR CU! Pô, veio! Nem ‘creditei quando o Saci me falou... Falei que não era possível alguém...

Em menos de um milésimo de segundo, o jovem professor se viu tão vermelho quanto seu cabelo artificial.

– A-n-a-e-l – ele repetiu, soletrando e empurrando o aluno com força – Anael.

– Calma, calma, baixinho – o aluno respondeu, soltando o professor e usando seu melhor tom apaziguador – não é por maldade não, pode perguntar geral aqui na escola, eu não sou do tipo que fica intimidando os outros não, sou só chato mesmo, tá de boa? Mas, pô, seu nome é Anael... Anael, cara! Anael, anal, anel, anus... tudo a mesma coisa... ninguém nunca fez essa piada com você não?

É claro que já tinham feito essa piadinha em níveis infinitos com ele, e, para ser honesto, ele nem ligava para o apelido. Poderia ser professor Anus, professor Anel, Ariel ou qualquer outro apelido, ele não se importava. Agora, quando se tratava de contato, Anael morria de medo. Sempre ouvira o quanto, sendo homem, era sempre mais seguro se afastar de qualquer contato com alunas e alunos. Seus professores haviam lhe instruído isso, seus amigos lhe lembravam direto, sua mãe ainda se despedia dele dizendo para tomar cuidado com as acusações e até mesmo sua avó, de modo nada singelo, tinha ido ver ele no final de semana antes de começar a dar aula só para falar: “Meu filho, lembra que você é viado nada

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

disfarçado, tá? Não encosta em nenhum menino ou menina ou vão lhe acusar de todas as merdas... e aí a vovó aqui vai ficar irritada e vai lá mostrar o que é assédio de verdade. Você não quer ver sua avó de 76 anos presa, quer?”.

E, com menos de um mês de aula, lá estava ele sendo abraçado por um aluno que ele sequer conhecia. Talvez ainda desse tempo dele desistir. Sempre poderia alegar para sua família que dar aula não era para ele, que, na verdade, ele não tinha gostado tanto assim e estava falando aquilo apenas para tentar pegar o gosto.

– Aí, tu tá muito sério – o aluno continuou a falar – Tu ficou mesmo bolado com o apelido? Foi por mald...



Título: “Relaxa, baixinho” (aquarela).

Fonte: Os autores.

– Por favor, meu jovem, pode me chamar do que quiser, só, por favor, certifique-se de não me tocar novamente, ok?

Ok, talvez ele devesse continuar como professor por mais um tempo. Deu uma rápida olhada ao redor e nenhum dos alunos que passavam entrando na escola parecia dar atenção aos dois. Na verdade, ele ainda era novo ali e, somando com sua altura, ele era tomado por aluno vezes em demasia.

Olhou mais uma vez e não se deparou com nenhum celular apontado para eles.

– Agora, vai, vai pra sua fila que eu tenho aulas para dar.

Anael deslizava para a sala de professores quando ouviu o aluno vaiar ao longe:

– Eita! Baixinho esquentado!

Um rosto na multidão

Sabe a garota que se jogou na frente do professor novo e ofereceu, calmamente, o colega de sala dela para dar uns “pega”? Então, prazer, Idril. Sabe a garota que, sem querer, funcionou como catalisador da saída da professora anterior? A professora com medo de feiura? Prazer, Idril.

Por favor, não julguem.

Idril é aquela garota que todo mundo conhece. Não a *rodada*, a outra, aquela que chama bastante atenção por estar sempre arrumadinha, bonitinha e tal. Ela possivelmente tira as melhores fotos da escola, afirma ser a aluna da escola com maior número de seguidores no seu canal de maquiagem e literatura no YouTube e se gaba, com fingida modéstia, de nunca ter ficado para recuperação.

Quando ela tenta *ajudar* os outros, ela realmente visa ajudar, ainda que suas potenciais vítimas favoritas sejam professoras e professores. Certa vez, uma professora saiu correndo logo no primeiro dia na escola porque tinha o péssimo hábito de usar a mesma maquiagem diariamente. Evidentemente, era trabalho da Idril falar-lhe sobre esse problema. Tudo bem, a professora devia ter feito um curso básico e, realmente, para o dia a dia, aqueles tons de *nude* que ela vinha usando combinavam bastante. Mas Idril logo reparou que a professora queria impressionar a escola, e, menina, para impressionar não dá para ser uma maquiagem tão sem graça. Ainda mais com as roupas magníficas que ela estava usando!

Foi só isso que Idril tentou dizer a ela.

Não era preciso aquela cena toda da professora. Enfim, águas passadas.

O foco da vez era o professor novinho.

Ele tinha 21 anos – já havia sondado. Uma das alunas do 6.º ano fez questão de perguntar e pedir a identidade para confirmar, porque ele parecia muito mais novo. Ok, 21, era baixo, é verdade, e tinha um corte de cabelo bem estranho, com franja e um coque samurai atrás. Mas, fora isso, ele até parecia bonitinho. Talvez desse para o gasto. Foi assim

que ela chegou a ele já oferecendo o Saci, porque, como todos da escola bem sabiam, o Saci gosta de homens. Sem restrições.

– E aí, prof', já pensou na proposta que te fiz? – ela perguntou ao Anael assim que chegou mais uma quinta-feira – Já tem uma semana, prof', as pessoas precisam se resolver amorosamente, você sabe, né? – e, como o professor não respondeu nada, Idril deu uma risadinha e continuou – Fica tranquilo que o senhor é o tipo dele. Tenho certeza que, mesmo se ele estiver com alguém, quando você falar que quer, o Saci larga o boy na hora por você...

E assim foi por mais uma semana.

Na próxima quarta-feira, 12.º dia do professor baixinho na escola, a garota estava se divertindo editando um vídeo seu em que fazia a maquiagem ideal para a verdadeira Katniss Everdeen. Quando ela começou a ler o primeiro livro da saga *Jogos Vorazes*, de imediato ela discordou da maquiagem dos filmes. Katniss era uma pobretona, não faria o menor sentido aquela aparência inicial dela. E, mesmo quando ela foi para os jogos, estava tudo errado. Então, como de praxe, Idril fez uma série de *makes* que melhor representariam o visual adequado para a personagem. Era isso que ela estava editando, feliz da vida, durante a aula de educação física. Ela já estava bem ansiosa, agora, para poder começar, inclusive, o próximo visual que, de quebra, serviria até mesmo para a Jennifer Lawrence em sua atuação de Katniss.

– Idril, que história é essa de você me oferecer para o professor novo?

Idril não precisou nem levantar os olhos.

– Se enxerga, Saci, só tô querendo te ajudar!

– E desde quando isso é ajuda, minha filha? Virou minha cafetina agora, é? Vai começar a decidir com quem saio? Tenho que te pagar algo também? Ou o primeiro programa que você marca é de graça?

Vendo que o drama ia continuar por mais um tempo, a menina optou por voltar a se focar na edição. O vídeo estava ficando muito bom, na verdade. Assim que o amigo sossegasse o facho, ela iria pedir a opinião dele. Saci era ótimo comentador!

– ... e escuta aqui, minha filha, 'cê tá ligada que ele deve ser um idoso, né? Tá querendo o que, que eu cuide de velhos para levar eles para a morte e dar o golpe do baú? E 'cê acha que eu vou dividir o golpe com você depois, menina? Tá louca, né? Pirou de vez, tadinha...

E tão logo começou, abruptamente parou. Sem esperar qualquer resposta, Saci simplesmente se jogou do lado de Idril, tomou o celular da mão dela e começou a assistir ao vídeo que estava sendo editado. Como era de esperar, ele riu nas partes que deveria rir, fez alguns comentários maldosos e depois algumas sugestões.

– Ia ser mais daórá se você atribuisse cada *look* a um momento do livro. Você sempre faz isso nos seus vídeos... por que não dessa vez? Parece trabalho preguiçoso assim.

– Vai cagar, Saci.

Depois de mais algumas dicas, o menino devolveu o celular.

– E aí? O que ele respondeu?

– Quem? O professor?

– Não, minha bunda – Saci respondeu irritado.

Idril abriu um largo sorriso.

– Até agora nada, mas, sabe como é, né? Deve estar bancando o difícil. Convenhamos que você é um gato, Saci, até eu te pegava se você gostasse de mulheres.

Os dois riram um pouco.

– E se você não fosse obcecada pelo Feioso, né?

De um minuto para o outro, os risos cessaram. Era sempre esse o efeito da menção amorosa-inexistente entre ela e o Feioso. Com ele, ela era só mais um rosto na multidão. Cena típica de adolescentes em filmes: os dois se abraçaram e voltaram a fuxicar sobre outros assuntos quaisquer.

De utilidade pública

– Saci, bora jogar.

Eles estavam em uma aula vaga, e, para variar, a turma foi parar na quadra com uma bola. Geralmente, Saci era o primeiro a pular do lado de dentro da quadra, passar a mão na bola e começar a montar os times. Há anos, quando era só uma criança mirrada, ele era péssimo com bola, mas, hoje, era sempre um dos capitães.

– Gato, não vai rolar – Saci respondeu, batendo a mão na barriga – Tô tão cheio, que, se eu der meia corrida, é capaz de a comida voltar.

– Ih, bicha, tá grávida, é? Se tu emprenhar, vai ser difícil dizer quem é o pai, né?

Saci virou a cabeça para o garoto que chegava na arquibancada de bituca. Feioso, claro.

Fábulas de escola: e se ameninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

– Nada, Feioso, já falei que o dia que eu ganhar barriga – falou colocando a mão sobre o abdômen e estufando a barriga ao máximo – o filho vai ser de cada jogador que já passou a mão na minha bunda.

– Ou seja, vai ser de todo mundo da escola, né?

Os dois danaram a rir.

Feioso e Saci eram amigos desde muito cedo. Feioso tinha entrado na escola bem antes que Saci, mas, ainda assim, ficaram amigos assim que se viram juntos no pátio. Na época, Saci já era chamado de Saci e Feioso ainda era conhecido por um nome que, claramente, não era seu: Aristeves.

– Fiquei sabendo que tu tá de rolo com o professor Anal, né, viado?

– Pô, Feioso, até tu? Tá com inveja, é?

– Nada, sei que você vai ser sempre minha bandida mesmo, HAHAAH.

Os dois sentaram e ficaram olhando o jogo. Saci lançou os olhos para a outra ponta da arquibancada e cruzou olhares com Idril, que observava os dois disfarçadamente.

– Tá dando uns pega em alguém, Feioso?

– Viado, ‘cê sabe que eu sempre dou um jeito de ficar com uma, com outra, com uns... – Feioso olhou de soslaio para o Saci – Tá a fim do Feioso aqui de novo, viado? Achei que tinha passado seu fogo de ficar comigo, mano – e já foi dando um abraço e fingindo que ia beijar o amigo.

– Se enxerga, viado – Saci deu um empurrão no outro – Tu pode até ser bom no negócio, mas gosto de variedade – e abriu um sorriso travesso – Tem gente por aí perguntando por você.

– Caraio, a gente numa conversa tão boa de putaria e você me vem com amor, Saci?

Os dois riram um pouco.

– Aí, mano, vou pular o muro – Feioso disse já se levantando e tirando a camisa – Tá muito quente pra ficar nesse lugar hoje e esses pés tortos aí tão ruim demais, cara – ele olhou para a quadra – Tu não disse que ia ensinar esses bocós aí a jogar de verdade, mano? Tá difícil, hein...

E assim que Feioso vazou, não coube ao Saci outra incumbência senão ajudar o time. Se os colegas de sala de repente aprendessem a se virar sozinhos sem a ajuda dele, Saci temia voltar a ser só o moleque que tinha sido por muito tempo antes de aprender a jogar futebol: o último a ser escolhido e o primeiro a ser descartado por atrapalhar o jogo. Sem

nem pensar muito, já foi tirando a camisa e pedindo a qualquer um que lhe desse a trave. Os dois times quiserem trocar qualquer um por ele no gol na mesma hora, mas Saci acabou optando pelo time mais fraco. “Faça-se útil!”, seu irmão lhe dizia sempre.



Título: *Jovem Saci aprendendo a jogar bola* (aquarela).

Fonte: Os autores.

– Ai, gente, adoro quando o negócio é doloroso!

Os dois times riram da sua viadagem.

Vida pelos corredores

– Minhas pernas doem – Ismeli reclamou ao entrar na coordenação – Nem inventa de me pedir qualquer coisa, que eu não vou fazer.

– Relaxa, Ismeli, tô aqui só te fazendo companhia.

Claro que era o Aristeves.

– Feioso, você nunca para em sala não? – ela perguntou desabando na primeira cadeira que encontrou.

– Coé, Ismeli, tô na minha sala agora. HAHAAAAHA

Ismeli sorriu para o rapaz. Ele pegou uma cadeira e colocou na frente dela.

– Você gosta daqui da escola, né, Aristeves? – Ismeli ousou perguntar.

Feioso se aproximou, tirou as pernas dela da cadeira, colocou em seu colo e começou a massagear. Ismeli levantou uma sobrancelha o máximo que pôde.

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

– Sei que você é casada, não tô dando em cima de você – ele respondeu com um risinho.

– Conheço sua fama, garanhão. Sei que não são muitas as professoras e os professores que resistem ao seu charme...

– HAHHAHAHA, tem uns que ainda não peguei... tem um que tá se fazendo de difícil...

– Eu não quero saber nomes, Aristeves, ou serei obrigada a fazer algo.

O menino continuou massageando e Ismeli relaxou depois de um tempo.

– Aqui é a única escola que conheço que o povo não me manda pra noite – Aristeves respondeu depois de um tempo – Tem amigo meu que com 15 anos os cara já queria passar pra noite só porque tava no sexto ano... aqui ninguém nunca me enche o saco – Aristeves deu de ombro – Difícil não gostar quando a gente é bem-vindo num lugar, saca?

Ismeli não soube o que responder a ele, então os dois ficaram em silêncio por um tempo. Não era incômodo, ainda mais com as mãos do rapaz aliviando as dores dos pés dela. “Meu Deus, como ser coordenadora é difícil!”, ela pensava.

– Vou começar a te chamar para cá só por causa dessas mãos...

– Oooooopa! Ismeli danadinha! Eu aqui achando que você ia ser a única que eu não dou uns amassos...

Os dois sorriram.

– Você pretende fazer o que da vida, Aristeves?

– Ah, coé, Ismeli, você tá muito sentimental hoje! A gente sempre fala de putaria aqui! Que houve? Tá morrendo? Tá passando mal? Já perguntou se gosto daqui, o que vou fazer da vida, daqui a pouco pergunta se quero ter filhos, se vou divorciar...

Ismeli caiu na gargalhada.

– Aristeves. Eu estou grávida.

Feioso parou no ato.

– Caraaaaaaaacas, Ismeli! Tenho pena desse filhote aí, mas pô! Irado! Sabe quem é o pai? HAHHAHA, brincadeira, calma. Pô, que foda. Por isso você tá tão cansada assim? Do jeito que você é gorda, nem dá para reparar, já tá com quantos meses? Quatro? Cinco?

Ele levou um tapa no braço.

– Se enxerga, menino. Descobri ontem e estou no primeiro mês, para sua informação. E agora que você não me responde mais, eu tenho que subir e você também. Vai começar a aula do Anael na sua sala e ele reclamou que você só apareceu três vezes na

aula dele... ‘Bora lá que eu tenho que tirar umas fotos dos trabalhos de vocês e você vai ficar na sala...

– Ah, para, Ismeli, tô tão bem aqui fazendo massagem nos seus pés...

– Sala, Aristeves, sa-la.

Sem discutir mais, Feioso a seguiu. Ismeli entrou na sala, rodou as mesas, viu os rascunhos dos grupos com Aristeves a tiracolo.

– Caraaaai, viado – Ismeli ouviu Aristeves falar com o professor enquanto olhava para os trabalhos dos colegas – Tô numa sala de criancinha de novo! Gostei disso, viado! Boto fé! O que é pra fazer? Tô dentro! Me coloca pra trabalhar que nem louco que já gostei.

Ismeli tirou as fotos que queria e mostrou ao professor. Os dois conversaram um pouco sobre elas e Ismeli acabou deixando a câmera da escola na mão dele. Ele parecia responsável o suficiente. Menos de um minuto depois, ela estava no corredor, voltando para sua sala.

Por um segundo – um mísero segundo! –, Ismeli achou que talvez o professor novo tivesse a chance de conhecer o Aristeves, e não apenas o Feioso. Um segundo quase inteiro! Mal saíra de perto da porta da sala, entretanto ouviu o ronco da risada do menino.



Título: Coordenadora bailarina (aquarela).

Fonte: Os autores.

– ... VÉI! TU NÃO TEM JEITO NÃO, NÉ, VIADO? – ele berrava lá dentro – ISSO É COISA SUA, SACI! COLOCAR OS MANO TUDO SENTADO NUMA VARA VOADORA... CARAAAAI, ‘CÊS SÃO DEMAIS...

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

– FEIOSO, SUA PUTA! É UMA VASSOURA! UMA VAS-SOU-RA!

Nessas horas, Ismeli sempre agradecia por não estar em sala de aula com ele. Saiu rindo sozinha pelo corredor.

Fabulação: método coletivo de criação

Mas, afinal, como funciona a tal fabulação?

Quando a pesquisa começou, em 2018, a fabulação era um conceito deleuzo-bergsoniano. Em Henri Bergson (2005), por exemplo, a fabulação assumia a posição de uma faculdade de criar histórias e, principalmente, de criar personagens capazes de interagirem com a vida, com a humanidade e, com isso, agir ativamente no modo em que vivemos. Gilles Deleuze (2013), por sua vez, vê a fabulação como uma força capaz de tirar o *eu* dos movimentos de uma narrativa, de fazê-la circular indefinidamente como uma grandeza potencial de afetar os outros. Não para menos, David Lapoujade (2016) opta por ver, entre os dois autores, a fabulação enquanto um modo de produzir nos corpos graus de apego à vida. Para Lapoujade, sempre existiu na função fabuladora justamente esse caráter de fazer com que, ao praticarmos a fabulação, aumentamos nosso envolvimento com a própria vida.

Justamente por tal razão, optamos por colocar a fabulação como um método de pesquisa com alunas e alunos de uma escola pública de periferia, de tirá-la de sua zona de conceito e praticá-la como um método. Afinal, se há na fabulação a possibilidade de se aumentar o apego à vida, por que não a praticar como um modo, também, de se aumentar os cuidados e os afetos para com a escola?

Assim começamos a pesquisa.

Todas as fábulas aqui apresentadas foram produzidas com os alunos dos 6º e 7º anos. Ao longo de 17 encontros – alguns muito desastrosos, outros mais regrados e ainda uns em que quem saía fabulado ou confabulado era eu –, tecíamos fábulas de escola *plausíveis* de serem lidas e acreditadas. Eram, claramente, ficção! Obra pura de conversas e corpos em conluio contra o controle! Naqueles encontros, nenhum de nós era muito afoito aos realismos! E, todavia, a escola que criávamos era demasiado real justamente por ampliar os movimentos insurrecionais tão presentes nas escolas.

Bem verdade que, a cada semana, eu recebia uma resposta malcriada, uma ameaça, um riso de escárnio na cara. Além de ter sido alvo de vaia entre alunos e ter presenciado duas tentativas de briga e muito palavrório. Importante destacar isso: a pesquisa esteve bem *longe* de acontecer em perfeita harmonia.

E, justamente por isso, interessava a continuidade daquele movimento. Tudo ali dizia, já, de certa força estudantil. Ignorar esses movimentos de recusa, de criação e de fugas dos estudantes deveria ser considerado até crueldade. As imagens de resistências estavam todas ali e nossos dedos coçavam para registrarem elas, para tratarem-nas como dados da pesquisa.

Não podíamos. Interessava-nos a criação.

E bastou-nos lembrar de que aqueles corpos eram ainda crianças para que conseguíssemos começar a produção. Um pacote de balas e algumas reclamações sobre a escola depois e alguns corpos começaram a se colocar em processo de fabulação: criamos personagens, contextos, problemas, dramas. Naquela escola, as turmas costumavam ficar sem o quadro completo de professores por um bom tempo por causa da localização geográfica e do transporte coletivo difícil. Daí surgia o drama inicial, da coordenadora preocupada com professores que vêm e vão. Muito rapidamente, esse cenário tomou conta da narrativa, virou uma história introdutória. “Vamos falar da nossa escola, mas de outro jeito!”, disse um dos garotos “certinhos”. “Só falo se eu puder xingar!”, disse outro. E assim surgiam alguns traços da escola e das personagens – os “pegadores” da turma logo deram ao Aristeves o ar de garanhão e, uma das meninas, já foi logo dizendo que ele pegava era tudo.

Aos poucos, conseguíamos criar as tramas e as cenas vividas por eles nas escolas invadiam as fábulas em seu tom insurrecional. O tom brincalhão de Aristeves, a preocupação da Idril em estar sempre certa, o medo de não ser mais útil do Saci – todos os pontos levantados pelos alunos foram discutidos e, aos poucos, passaram a ser relacionados aos personagens criados entre as diferentes turmas. Aos poucos, as histórias passavam a ser parte de uma criação realmente coletiva fortemente criada no *real* da vida escolar.

E a criação, deveras, exige dos corpos muito mais do que a simples resposta-pronta.

O choque fabulador é imediato.

Em um dos encontros fabuladores, uma cena:

– Professor, foi mal perguntar isso – disse um aluno, depois de sairmos da sala dele – Mas não acha isso meio infantil não? Sei lá. A gente senta, conversa, tenta definir como vão ser os personagens...

– Acha que tá ficando chato? – perguntei a ele, receoso da resposta.

– Não, chato até que não tá não – ele parecia sincero – Mas não vejo como tudo isso pode ter importância, né? Você falou que é para uma pesquisa, não

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

foi? Você não devia fazer perguntas pra gente, então? Criar gráficos? Tabelas, gravar tudo, filmar tudo? Sei lá, não manjo dessas paradas não.

Ele, na verdade, parecia entender muito bem.

– Eu não sou muito bom em seguir regras não – respondi a ele – E ia ser muito chato só ficar lá fazendo um monte de pergunta. Agora, olha que irado, a gente senta, discute toda semana algumas coisas novas sobre a história e os personagens... vocês já criaram o quê? Quatro personagens, não foi? Todos eles são coerentes, fazem sentido. Já até vi vocês fazerem gracinha com a professora de artes dizendo que tem aluno novo quando, na verdade, é o personagem de vocês.

– Hahahaha, você ficou sabendo?

– Lógico, a professora de artes mesmo já espalhou pela escola toda. Ela deve ser a única que foi trolada e ri disso! Se eu quisesse que a feiarada fizesse algazarra na escola, só esse episódio já bastaria!

Assim fazemos pesquisa.

Numa época em que a arte se reduz à criatividade (ROLNIK, 2018) e o funcionalismo responde à produtividade capitalista (ROSEIRO; SILVA, 2018; HAN, 2017), fazer pesquisa não pode se restringir a registrar infinitamente ou mesmo pretender dar conta de tudo. É também importante fazer da criação e da afirmação da vida uma preocupação da vida acadêmica.

Decerto, é isso que o governo Bolsonaro tanto teme: não há sentido em afirmar que as ciências humanas produzem pouco ou quase não afetam a vida dos brasileiros. Sabemos, de longe, tratar-se de uma balela. Ao contrário, o momento político de uma crise infinita teme justamente que as ciências humanas sejam capazes de reafirmar a vida em todo o seu potencial, que os corpos se lembrem das possibilidades de habitarem a vida plenamente. O capitalismo, já destacavam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), ceifa a vida para dela se alimentar.

Fabular a vida nos permite criar mundos que explodem os limites desse que nos controla enfaticamente.

Aos modos dos arruaceiros de João Antônio (2009), o menino que indaga pela força da fabulação não está contra a criação, mas, antes, ele se pergunta se aquilo dá jogo ou não, se aquilo gera vida ou é só falação. “Veio a jogo ou a passeio?”. Ele parece perguntar se se fabula no real ou apenas para enfeite. “Isso é real ou dá nada não?”.

Não titubeamos – estamos sempre no jogo.

Acreditamos na força das fábulas e, por isso, apresentamo-las aqui como nada mais que elas mesmas. Criamos e escrevemos coletivamente cada uma em uma sala, cada

pequena fábula com uma turma diferente. Criávamos os personagens, os contextos e, depois, trilhávamos as histórias. Ora surgia entre os estudantes um problema e eles logo queriam fabular suas possibilidades. “É possível? E se...?”. Iniciava-se um modo coletivo de problematizar a vida e de criar alternativas viáveis. Conversávamos, fabulávamos e, por fim, redigíamos cada uma delas no quadro para leitura coletiva e sua aprovação final.

Uma vez fabulada, era a vida que passava a se entrosar com a ficção.

A fabulação é da ordem do real. A fabulação espalha-se muito além do controle.

Codinome: Feioso

Aristeves nem sempre foi chamado de Feioso e, decerto, nem sempre foi o inimigo público número um das professoras e dos professores. Quando ele entrou no primeiro ano, ele era um menino normal, fofo como quase toda criança de 7 anos. Ninguém sabe onde, exatamente, as coisas começaram a desandar, mas, de algum modo, tudo desandou ao mesmo tempo. Em algum momento no terceiro ano, Aristeves já era uma criança impossível, atentada demais, grande demais, magricela demais e insuportável por razões infinitas para todos os seus professores. E isso foi só no seu primeiro terceiro ano! Depois da terceira vez, professora, coordenadora, pedagoga ou diretora, *nenhuma* sabia o que fazer com ele. O menino parecia fazer de tudo para ser detestado pelas professoras e, com isso, nem o conselho de classe no final do ano optava por salvá-lo. E, ano sim, ano também, lá estavam as professoras disputando para ver quem *não* pegaria a turma dele.

Até mesmo as professoras novas já chegavam à escola sabendo de quem fugir. E, se não soubessem, bastava uma semana em sala para se arrependerem de seu erro.

Com 11 anos no terceiro ano, em compensação, algo mudou. Aquela terceira vez do Aristeves no terceiro ano funcionou para ele como um novo nascimento. Isso ele lembra muito bem, ainda que recontre essa história com algumas variações, de vez em quando. Ele estava no refeitório intimidando alguns alunos para roubar biscoitos deles, quando, de repente, um menino negro de cabelo vermelho apareceu na frente dele.

– Eu achava que você era mais intimidador – o menino disse colocando uma mão na cintura – E, de algum modo, achei que você fosse mais bonito. Nos filmes, os valentões que batem nas outras crianças são geralmente bonitos, mas você é só um feioso qualquer.

Daí, do nada, o menino tira um pacote de biscoitos do bolso e entrega ao Aristeves.

– Você é tão magro, que chega a dar dó. Tchau, feioso.

Fábulas de escola: e se a meninada fizesse algazarra, restaria algo do controle?

A despedida foi alta o suficiente para o refeitório todo ouvir, incluindo – já e sempre – Ismeli, que olhava atônita para o menininho do segundo ano provocando, sem nem fraquejar, o aluno mais atentado que eles tinham.

Para honrar o moleque que o desafiou – Aristeves teve que reconhecer a coragem necessária para o Tampinha –, passou a atentar ele todo dia. Ismeli e os professores faziam ronda para ter certeza de que Aristeves não iria bater nele, mas, apesar de todas as implicâncias entre eles, Aristeves nunca nem levantou a voz para o menino de cabelo vermelho. É verdade que Aristeves *sabia* que estava sendo vigiado, mas, pô, era difícil não ter respeito por um molequinho de 7 anos que encarava um marmanjo de 11 sem nem pestanejar!

– Qual seu nome, moleque?

– O nome não interessa, mas você pode me chamar de Saci.

– HAHHAHA, Saci? Por que Saci?

– Sou péssimo no futebol – o menino respondeu com tranquilidade – Eles falam que eu jogando pareço ter só uma perna, de tão ruim que sou, daí virei o Saci.

Depois daquele dia, Aristeves passou a matar todas as suas aulas que coincidiam com as aulas de educação física do moleque só para ensiná-lo a jogar. Depois de um mês, Aristeves teve certeza: o menino era *mesmo* ruim demais com os pés. Aristeves não perdeu a oportunidade para implicar com o baixinho em cada oportunidade.

– Pô, tenta deixar um pedaço do chão da próxima vez!

Ou.

– Aí, topei com o Saci ontem e ele disse que joga melhor que você, maninho...

Ou.

– Comecei a procurar uma cadeira de rodas para você ontem, Saci, vi um cadeirante acertar mais a bola que você na TV esses dias.

Em cada ocasião, Saci respondia apenas com o que lhe parecia pertinente.

– Cala a boca, feioso!

E assim é que, sem mais nem menos, Aristeves passou a ganhar um nome próprio que lhe cabia muito melhor. Feioso. No final do ano, Feioso e Saci já eram inseparáveis. E o Saci até tinha começado a conseguir dar uns chutes sem cair! Foi assim que, na última aula de educação física do ano, quando a professora deu a bola para a turma se divertir, Saci acabou fazendo seu primeiro gol. Os colegas de turma todos sabiam que Saci vinha sendo

treinado pelo Feioso, mas o gol foi tão inesperado, que o próprio Saci levou um susto. Ele correu para perto do amigo, se jogou no pescoço dele e deu um beijo na bochecha do Feioso.

– Eu sei jogar bola!

Mais tarde, naquele dia, Feioso saiu do terceiro ano. Pela primeira vez, tinha sido agradável o suficiente para ser aprovado pelo conselho de classe. No ano seguinte, Feioso reprovou de propósito e, no ano depois, estava na mesma turma que o Saci. Ele ainda era o pavor das professoras, mas, agora, ele era uma dupla.

Referências

- ALVIM, Davis Moreira. Filosofias da ocupação. In: **I Seminário Máquinas, Gêneros e Sexualidades**: corpos em curto-circuito. Vitória: UFES, 25 e 26 de setembro de 2018.
- ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Trad. Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LAPOUJADE, David. **As potências do tempo**. Trad. Hortência Santos Lencastre. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos disfuncionais: inventar as lutas contra o capitalismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1115-1130, jul./set., 2018.

Sobre o autor

Steferson Zanoni Roseiro

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor da Educação Básica na Rede de Ensino de Cariacica-ES.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1424-2281>

Contato: zanoniroseiro@gmail.com

Recebido em: 20/10/2020

Aceito para publicação em: 01/02/2021